

Questão 1

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, são três as práticas centrais quanto ao ensino de Língua Portuguesa: leitura de textos orais/escritos; produção de textos orais/escritos; e análise linguística. O acesso à literatura fica condicionada, nesse cenário, à prática pedagógica adotada pelo professor. Se o ensino de literatura, em geral, já se encontra em desvantagem em termos legais, o de Literatura Africana, em específico, apresenta-se como um cotidiano desafio. Embora a lei garanta a obrigatoriedade do ensino de Literatura e História Africanas, a realidade brasileira não ratifica essa proposta.

Essa problemática tem origem nas próprias ementas dos cursos universitários, incluindo os que se destinam à formação de professores. No curso de Letras: Português - Literaturas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, por exemplo, a grade curricular conta com apenas duas disciplinas que abrangem a Literatura Africana em Língua Portuguesa. Essa limitada oferta contrasta não só com a quantidade de disciplinas relacionadas às Literaturas Portuguesa e Brasileira, como também com o conteúdo de cursos mais teóricos, que privilegiam a teoria estritamente ocidental. O que os cursos de licenciatura ensinam ao futuro professor, com isso, é que o ensino de Literatura Africana tem menor importância.

Essa realidade, inevitavelmente, é levada para as salas de aula brasileiras, encontrando, então, um espaço de ensino desfavorável: ensinados a recusar culturalmente suas próprias origens e histórias, os alunos de fato rompem com as hierarquias historicamente estabelecidas no período colonial. Diante desse cenário, o professor, a fim de cumprir com a lei, muitas vezes reduz o texto literário a um pretérito de análise linguística, reafirmando a literatura, sobretudo a Africana, como pertencente a um segundo plano. O silenciamento do aluno, nesse contexto, parece inevitável, já que lhe são negados o contato com ^o sua história e a experiência estética e literária.

O ensino escolar de Literatura Africana de Língua Portuguesa

refere, no Brasil, conflitos que vão desde a formação de professores nos cursos de licenciatura até a barreira construída por heranças históricas. Previsto em lei, o ensino torna-se ^{importante} um desafio institucional, ainda que seja, em contrapartida, uma das formas mais legítimas de empoderamento e apropriação de um lugar de fala de grande parte da população brasileira.

Questão 3

~~Recentemente~~ Recentemente publicado, o ensaio "O que é o lugar de fala?" da socióloga e ativista negra Djamila Ribeiro, traz um importante contributo para os Estudos Culturais e, conseqüentemente, ^{para} as perspectivas pós-coloniais. Para a ensaísta, todos, independentemente de gênero, cor e classe social, possuem um lugar de fala, sendo fundamental, para as relações sociais, exercer uma espécie de lugar de escuta. Estudos como esse trazem maior visibilidade a reflexões de respeito das relações étnico-raciais no Brasil, o que reconfigura o cenário de ensino de Literatura Africana em Língua Portuguesa.

A experiência literária de textos como *Terra sonâmbula*, de Mia Couto, por exemplo, é, atualmente, garantida por lei. Ainda que a sua prática esteja distante da teoria, a leitura de narrativas literárias de origem africana contribui para o ensino de Língua Portuguesa não apenas no que se refere às já citadas questões sociológicas. Para além disso, esse tipo de texto, fortemente marcado pela tradição oral, colabora diretamente para o estudo da estrutura e dos processos de formação de palavras, previsto como um dos conteúdos iniciais do Ensino Médio. A oralidade, diferentemente da escrita, é uma modalidade mais aberta às influências estilísticas e culturais de determinada comunidade. Nesse sentido, quando o texto literário assume essas marcas como constituintes ^{da} da própria literariedade, essas influências alcançam outros espaços.

Em uma famosa entrevista para a *Carta Capital*, Mia Couto fala a respeito de seu processo de criação, que envolve duas etapas: a escuta e a escrita. Para o escritor moçambicano, o personagem criado

em seu texto é uma espécie de "personautor", na medida em que possui autonomia. Mais lento de se dar, com isso, que a sua escrita tem fortes traços da oralidade. Não é gratuito que o autor seja reconhecido pelos neologismos - tanto no plano morfológico quanto no plano sintático. Esse fenômeno linguístico, que ressignifica ferramentas linguísticas da língua colonizadora e oportuniza a construção de uma identidade ^{linguística} pelo próprio povo colonizado, dialoga diretamente com o uso que os discentes fazem da língua.

Conteúdos de estrutura e formação de palavras - desde os conceitos de raiz e radical até os mais contemporâneos processos, com a reduplicação -, quando trabalhados em conjunto com a Literatura Africana em Língua Portuguesa, podem servir não apenas para a análise linguística, como também para a produtiva reflexão sobre o uso da língua. Dar ao aluno as ferramentas necessárias para compreender processos por ele produzidos cotidianamente é, portanto, uma forma de ^oapresentar ~~o~~ de um lugar de fala e empoderamento, deslocando-o da posição de leitor passivo para a de leitor ativo.

Questão 3

Findo o percurso de maior construção da subjetividade do aluno, o Ensino Fundamental II tem grande compromisso com a experimentação literária do sujeito. Em contrapartida, a proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais pretene o contato com a literatura, deixando-a ao gosto do professor. Nesse contexto, o texto literário acaba sendo utilizado como pretexto para o estudo gramatical, distanciando, muitas vezes, o aluno do universo ficcional. Se essa experiência já se torna comprometida com a Literatura Brasileira, o problema ~~se~~ agrava-se quando se trata da Literatura Africana.

Em Estética da palavra verbal, Mikhail Bakhtin formula concepções para dois conceitos-chave de textos literários e não-literários: dialogismo e polifonia. Enquanto o primeiro diz respeito ao constante diálogo que se estabelece com as diversas áreas do conheci-

mento no ato da enunciação, e segundo relaciona-se com as diversas vozes — históricas, culturais, identitárias — que se passam em um enunciado. Sob essa perspectiva, o texto literário carrega consigo, para além dos elementos estruturais como personagens, espaço e tempo, uma história individual e outra, coletiva. Quando apresentados a textos literários de diversas origens espaciais e temporais, o aluno do Ensino Fundamental II tem a possibilidade de construir a sua subjetividade a partir do multiperspectivismo e do reconhecimento da legitimidade das diversas verdades.

Uma vez em posse desse conhecimento, o aluno também inicia seu processo de transição entre a atitude passiva e a ativa. Em outras palavras, o sujeito que experimenta positivamente a literatura em seu percurso de construção de subjetividade ^{tem de} desenvolver a sua criticidade. Esse leitor crítico, capaz de estabelecer outros tipos de leitura — desta vez, em relação aos signos, também, não-linguísticos — ^{podde} compreender os diversos contextos de produção e recepção de uma obra, esquecendo-se, então, do caráter fixista que a língua e, consequentemente, a literatura, segundo Roland Barthes, em *A aula*, ^{muitas vezes,} paream por assumir. Com o *ivência* literária, o leitor crítico aproxima-se do leitor ruminante, "com quatro cérebros e um estômago", tão desejado por Machado de Assis, em *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

A compreensão e o domínio dos elementos constituintes de textos literários — desde o dialogismo e a polifonia até a problematização do enredo proposto pelo narrador/autor — são fundamentais para a formação de um leitor não só literário como também crítico. Para isso, a mediação do professor como alguém que traz respostas e semia dúvidas deve ser recorrente em sala de aula. Além disso, a percepção desse espaço físico como um lugar aberto às sugestões dos alunos, que trazem consigo grande bagagem de toda natureza, deve ser um pressuposto básico. A inserção do ensino de Literatura Africana em Língua Portuguesa no Ensino Fundamental constitui, portanto, prática ideal para esse cenário.